

Ajuda que exigirá sacrifícios

PEDRO CAFARDO

O Plano Nakasone é sem dúvida importantíssimo. Trata-se, pelo menos no nível das intenções, de uma espetacular transferência de recursos dentro da economia ocidental, suficiente para resolver os angustiantes problemas dos países endividados. Mas é preciso tomar alguns cuidados antes de abraçar a euforia.

Primeiro, os japoneses são mundialmente conhecidos pela cautela com que fazem negócios. Em geral, anunciam suas intenções para depois pensar longamente no assunto. Segundo, porque em nenhuma hipótese esse dinheiro seria

entregue incondicionalmente. Com certeza, os japoneses pretenderão canalizar os recursos através de instituições internacionais do tipo Fundo Monetário ou Banco Mundial. Em outras palavras, está claro que exigirão dos países tomadores a elaboração de programas de ajuste econômico tão ou mais rigorosos do que os exigidos pelo FMI e Banco Mundial.

A disposição dos japoneses, de qualquer forma, ainda que manifestada sob a pressão de represálias comerciais norte-americanas, pode pôr fim à crise da dívida iniciada em 1982. O Plano Marshall, que reconstruiu a Europa após a II Guerra Mundial, distribuiu recursos de US\$ 12,6 bilhões de 1948 a 1951. Cer-

ca de 90% desse total, é verdade, foram doados, atitude que está muito distante da adotada agora pelos japoneses. De qualquer forma, o Plano Nakasone, abstraindo-se a inflação do dólar nesses anos todos, representa quase 2,5 vezes o volume de recursos aplicados no Plano Marshall.

Para o Brasil, empréstimos japoneses de US\$ 15 bilhões significariam um desafogo providencial. Dariam para pagar pelo menos 18 meses do serviço da dívida. Para dar um exemplo simplório, utilizando um produto bem japonês, basta dizer que esse dinheiro seria suficiente para oferecer um videocassete a cada família brasileira. Garantido.